



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO- UEMA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA- CESP  
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA E HABILITAÇÃO EM LÍNGUA  
PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**ELIANE ANDRADE DA SILVA**

**A QUESTÃO RACIAL E AS DESIGUALDADES SOCIAIS NA OBRA  
RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA DE LIMA BARRETO**

Presidente Dutra – MA  
2022

**ELIANE ANDRADE DA SILVA**

**A QUESTÃO RACIAL E AS DESIGUALDADES SOCIAIS NA OBRA  
*RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA* DE LIMA  
BARRETO**

Monografia apresentada junto ao curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, campus de Presidente Dutra, para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Jonh Jefferson do N. Alves

Presidente Dutra – MA  
2022

Silva, Eliane Andrade da.

A questão racial e as desigualdades sociais na obra Recordações do Escrivão Isaiás Caminha de Lima Barreto / Eliane Andrade da Silva. - Presidente Dutra, MA, 2022.

38 f

Monografia (Graduação) – Curso de Letras Licenciatura, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientador: Prof. Jonh Jefferson do N. Alves.

1.Lutas simbólicas. 2.Racismo. 3.Desigualdade social. 4.Lima Barreto.  
I.Título.

CDU: 821.134.3(81).09

**ELIANE ANDRADE DA SILVA**

**A QUESTÃO RACIAL E AS DESIGUALDADES SOCIAIS NA OBRA  
*RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA* DE LIMA  
BARRETO**

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Jonh Jefferson do Nascimento Alves (Orientador)**  
Mestre em Letras - UERN

---

**Prof.(a) Wideglan Marques Sousa Beserra**  
Psicopedagogia Institucional e Clínica

---

**Prof.(a) Laize Oliveira Silva**  
Especialista em Letras

## **DEDICATÓRIA**

Eu dedico este trabalho à minha família que é o motivo de eu continuar lutando pela realização do meu sonho pessoal e profissional.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiro a Deus, por tudo que já preparou na minha vida, pelas oportunidades gloriosas e por todo o aprendizado que tenho adquirido; aos meus pais, por toda a educação que me deram e me incentivarem e me apoiarem na luta pelos meus sonhos.

A meu irmão, Edson Andrade da Silva por me encorajar a encarar as dificuldades como oportunidades únicas para o meu crescimento pessoal e profissional.

Ao meu orientador, Jonh Jefferson do N. Alves pela paciência e pela sua contribuição substancial na construção e realização deste trabalho.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente, com palavras de apoio e incentivo para a concretização deste sonho.

*“Não é só a morte que iguala a gente. O crime, a doença e a loucura também acabam as diferenças que a gente inventa”.*

(Lima Barreto)

## RESUMO

O presente trabalho lança um olhar sobre a questão racial e as desigualdades sociais na obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) de Lima Barreto. O ponto de partida da pesquisa se fundamenta na ideia de que com o lançamento de seu primeiro romance (tal acontecimento) o credenciou para entrada do jogo literário. Lutas simbólicas e jogo literário são termos tomados por empréstimo da sociologia para expressar as desigualdades vivenciadas em dado momento histórico. O romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha* é uma narrativa autobiográfica que trata fundamentalmente da história de um jovem estudante negro, pobre, Isaías Caminha que viaja para cidade do Rio de Janeiro com um objetivo e uma ideia fixa torna-se doutor. No entanto, numa sociedade pós-abolição, de racismo científico marcada por profundas desigualdades e hierarquias sociais ascender socialmente ao *status* de doutor, (reconhecimento intelectual) sendo negro é uma condição a posteriori é o que constata o próprio personagem – narrador. Desse modo, para a realização desta pesquisa, privilegiamos a investigação que coloca como centralidade a Literatura de Lima Barreto, sua entrada no jogo literário, perpassando as instâncias possíveis que permitissem o processo de legitimação da sua produção literária, ou seja, os espaços sociais como a escola, (sonho de ser doutor), a imprensa (revistas, jornais, editores, entrada no campo) e a crítica literária.

**Palavras-chave:** Lutas simbólicas. Racismo. Desigualdade social. Lima Barreto.

## **ABSTRACT**

The present work takes a look at the racial issue and social inequalities in the work *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) by Lima Barreto. The starting point of the research is based on the idea that with the release of his first novel (such an event) he qualified to enter the literary game. Symbolic struggles and literary games are terms borrowed from sociology to express the inequalities experienced at a given historical moment. The novel *Memories of the escrivão Isaías Caminha* is an autobiographical narrative that essentially deals with the story of a young, poor, black student, Isaías Caminha, who travels to the city of Rio de Janeiro with a goal and a fixed idea to become a doctor. However, in a post-abolition society, of scientific racism marked by deep inequalities and social hierarchies, socially ascending to the status of doctor, (intellectual recognition) being black is an a posteriori condition is what the character himself - narrator notes. Thus, in order to carry out this research, we privilege the investigation that places Lima Barreto's Literature as a central point, his entry into the literary game, passing through the possible instances that allow the process of legitimation of his literary production, that is, the social spaces as school (dream of being a doctor), the press (magazines, newspapers, editors, entry into the field) and literary criticism.

**Keywords:** Symbolic struggles. Racism. Social inequality. Lima Barreto.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 O ESCRITOR: Lima Barreto, sua trajetória na sociedade e o Pré – Modernismo .....</b>	<b>12</b>
2.1 Lima Barreto e a crítica .....	14
<b>3 A QUESTÃO RACIAL E AS DESIGUALDADES SOCIAIS NO BRASIL .....</b>	<b>18</b>
3.1 As desigualdades sociais desde tempos passados até os dias atuais .....	24
<b>4 A OBRA RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA: Enredo e Relevância .....</b>	<b>28</b>
4.1 Escritor e personagem: Ficção/Realidade e Racismo/Preconceito sobre Isaías Caminha .....	29
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Lima Barreto foi jornalista e escritor, publicando em jornais e revistas. Foi um dos principais escritores do pré-modernismo brasileiro. Em suas obras preocupou – se em relatar as questões sociais e a posição do negro na sociedade. No tecido barreteano predominava seu senso crítico em relação às injustiças e as misérias da vida suburbana, mostrando também o sofrimento advindo do preconceito racial e da insegurança e desamparo que é viver historicamente sendo excluído na sociedade.

Os estudos sobre essa temática tem se mostrado muito importante e bastante atual na medida em que são questões cada vez mais frequentes no nosso dia – a – dia. Nesta monografia objetivou-se acima de tudo [re]conhecer, a partir dos textos de Lima Barreto, como o racismo tem aflorado na sociedade brasileira e o quanto a desigualdade social vem sendo mantida pelo tratamento dispensado à população negra e que se qualifica pelos os lugares reservados a esses sujeitos na organização social.

Sobre *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), o jovem Isaías vive em situação instável. Sua origem humilde e a sua cor “mulata” fazem com que seu sonho de “vencer na vida” se desconstruam pouco a pouco. O que por esses elementos não é difícil reconhecer na sociedade brasileira contemporânea, a discriminação e a desigualdade, especialmente contra negros na literatura, é uma realidade verossímil.

O que chama atenção na obra e em outras do referido autor é a utilização de uma linguagem cotidiana, buscando sempre reproduzir um discurso que se aproxima da oralidade, para tecer críticas sociais acerca dos valores impostos àqueles que viviam e vivem na vulnerabilidade em decorrência da cor e condição social.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizados diversos registros bibliográficos, impressos e digitais, ou seja, livros, artigos ou teses que contêm assuntos relacionados à pesquisa. O primeiro capítulo faz uma abordagem teórica de forma bem sucinta sobre a identidade do autor e a sua trajetória na sociedade. Uma vez que, o autor foi um dos principais escritores do pré - modernismo brasileiro.

No segundo capítulo, optou-se pelo estudo acerca da temática apresentada, tratando de aspectos relevantes de acontecimentos que se observa na atualidade, um movimento atemporal de como foi e está sendo a manutenção, construção e desconstrução do ambiente social brasileiro.

O terceiro capítulo aborda o enredo e relevância da obra trabalhada, baseados em alguns atributos do personagem e na forma como o autor Lima Barreto, compreendia a realidade do seu tempo. O comportamento ambivalente da protagonista sobre seus anseios diante do que queria ver e o que na realidade vivia. A análise procura apresentar uma reflexão sobre a expressão da identidade de sujeito nas personagens, enfatizando a aproximação escritor/personagem.

## **2 O ESCRITOR: LIMA BARRETO, SUA TRAJETÓRIA NA SOCIEDADE E O PRÉ- MODERNISMO**

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em Laranjeiras, Rio de Janeiro no dia 13 de maio de 1881. Filho do tipógrafo Joaquim Henriques de Lima Barreto e da professora primária Amália Augusta, ambos mestiços e pobres, sofreu preconceito a vida toda. Com sete anos de idade, ficou órfão de mãe. Por ser afilhado do Visconde de Ouro Preto fez o curso secundário no Colégio Pedro II. Ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro onde iniciou o curso de Engenharia.

Em 1903, quando cursava o terceiro ano de Engenharia, foi obrigado a abandonar o curso, pois seu pai havia enlouquecido e o sustento dos três irmãos agora era responsabilidade dele. Em 1904, prestou concurso para escriturário do Ministério da Guerra, foi aprovado e permaneceu na função até se aposentar. Em 1905, ingressou no Jornalismo com uma série de reportagens que escreveu para o Correio da Manhã. Em 1907 fundou a revista “Floreal”, que lança apenas quatro números.

Na mocidade Lima Barreto sonhava em se tornar um escritor de literaturas ao qual surgiram muitas barreiras, pode – se perceber essa fase na fala de Barbosa ao mencionar um desabafo do autor: “É triste não ser branco” escreveu Lima Barreto em seu Diário Íntimo, dizendo estas palavras de forma desagradável, expressando suas decepções em relação às limitações impostas por causa da sua cor e condição social. (BARBOSA, 2017, p. 89).

Esse sonho, apesar das restrições impostas por causa da sua cor, foi possível! Em 1909, Lima Barreto estreou na literatura com a publicação do romance Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Uma obra crítica veiculada aos temas sociais. Barreto em suas obras ficcionalizava sua própria vida, nos seus escritos independente do gênero da obra fazia duras críticas à sociedade local.

Para Lima Barreto a literatura é um compromisso seríssimo, segundo Nicolau Sevchenko (1985, p. 168) é um elo entre almas que as unem fortemente, fazendo com que o homem esteja mais preparado para conquistar seu espaço satisfatório. Também permite – lhe falar sobre as circunstâncias cotidianas

relacionadas sobre o futuro da humanidade. Lima Barreto expressou em suas obras o desejo de muitas conquistas, o anseio por liberdade e igualdade, uma voz gritante, e por vezes tão solitária, mas que incessantemente imaginou que não sentiria menosprezado, excluído.

Expressas sob a forma de trocas epistolares, diários ou novelas, com enredos e personagens ficcionais que mal escondem seus autores por detrás deles, essas obras literárias representam uma expressão individual, mas também coletiva, uma vez que pautadas por uma experiência de grupo, pela busca pela inclusão social, pela denúncia de exclusão e da discriminação, pela luta por promoção da igualdade e da efetiva liberdade (SCHWARCZ, 2019, p. 137).

Em suas obras ele sempre apresentou um pouco de si, manifestando em seus escritos desabafos tão reais que confundem o entendimento do leitor, por muitas das vezes parecer que o escritor está descrevendo a sua própria vida. São obras literárias que representam o seu “eu”, e suas vontades de ver o envolvimento social sem exclusão. A obra de Lima Barreto que foi escrita na primeira década do século XX, no período da Primeira República, representou a fase de transição da literatura em que as influências europeias vão se esgotando e surge uma verdadeira renovação da linguagem e da ideologia. Esse período que não chegou a construir um movimento literário foi denominado de Pré – Modernismo.

O Pré – Modernismo não é uma escola literária, é na verdade um período de transição das características tradicionais do século XIX para as características modernas do século XX. O Pré – Modernismo é exclusivo do Brasil e nele tem um conjunto de autores e obras de grande importância, qualidade e relevância, por isso se faz necessário estudar esse período como se fosse quase uma escola literária.

Apesar de não ter uma unidade temática estilística, existem algumas características que se pode destacar como sendo comuns aos autores desse período como o engajamento político social que faz inclusive com que eles classifiquem suas obras como uma arte útil, uma referência á literatura do final do século especialmente a poesia do final do século, a poesia parnasiana e a poesia simbolista que eles consideravam como arte inútil justamente por não ter referência social.

O Parnasianismo era vazio de conteúdo e o simbolismo era muito voltado

para dramas psicológicos. Então os autores se propuseram a fazer uma arte que fosse engajada nos dramas sociais e políticos da sua época e aí, consideram então, uma arte mais útil justamente por causa dessa participação social. Uma outra característica que é comum a todos os autores desse período é sua consciência crítica da realidade brasileira, os problemas sociais que afetavam o Brasil na época. Em consequência disso, a literatura pré – moderna traz a revelação dos diversos Brasis que existiam na época, as diferenças marcantes entre o Brasil arcaico do interior e o Brasil moderno do Litoral.

Essa realidade brasileira era praticamente desconhecida, a literatura anterior não abordava esse tipo de coisa. Essa é uma das grandes contribuições que o Pré – Modernismo traz para a literatura do século XX.

## **2.1 Lima Barreto e a crítica**

Lima Barreto é considerado um dos mais importantes escritores da Literatura brasileira. Em suas literaturas combateu o preconceito racial e a discriminação social do negro e do mulato.

A crítica literária atribui a Barreto um lugar de destaque perante os grandes e importantes escritores nacionais, principalmente devido a sua denúncia constante do quão danoso é o racismo anotado nessa sociedade que, depois de um longo processo histórico, largara a prática retrógrada da escravidão, mas carregava e ainda carrega – marcas desse período (VASCONCELOS, 2017, p. 475).

Para Lima Barreto, escrever era expressar todos os anseios que viviam guardados dentro de si, mas que devido as muitas barreiras impostas a ele não podia transpô – los tão facilmente. Então, a literatura pôde fazer por ele denúncias sobre as dificuldades da vida literária à carreira de escritor. Lima Barreto escreveu para dar sentido á si, escreveu para não se deixar levar por alucinações, ou melhor, para não desfalecer. Ele sabia muito bem das suas limitações e sentia – se um condenado proibido de viver, tudo por causa de sua condição social e sua cor, pois

os mais poderosos colocavam barreiras em seu caminho.

Eram muitas as críticas que recebia com frequência, assim sendo, preferia se isolar em sua própria companhia e se consolar agarrado nas suas angústias e desejos de justiça. Ao escrever fez tantos desabafos sobre sua vivência, suas frustrações, expondo em palavras tudo o que passou, é notável um de seus desabafos em *Diário do hospício*:

Digo com franqueza, em anos que viva eu, nunca poderá apagar – me da memória essas humilhações que sofri. Não por elas mesmo, que pouco valem; mas pela convicção que me trouxeram de que esta vida não vale nada, todas as posições falham e todas as precauções para um grande futuro são vãs (BARRETO, 1993, p. 50).

Pode – se perceber o quanto Lima Barreto estava desencantado, angustiado da vida, vivia no seu silêncio interior, mas tão desejoso de vomitar o que sentia, é notável esses desejos nessas poucas palavras que escrevera, “O que me roía era o silêncio, era calar, esconder o que eu tinha de mais eu mesmo na minha vida”. (BARRETO, 1993, p. 160). Conforme aponta Schwarcz (2017, p. 11), Lima Barreto era cheio de contradições, escárnio, desprezo e mágoas. Teve uma vida muito conturbada, cheia de desgrças e acontecimentos relacionados a um decreto, condenado a viver só decepções e dores, mas, que não descartou o desejo de ver a justiça sendo feita.

Lima Barreto tinha sonhos amparados pelo desejo de ver melhorias na vida que vivera. Lutava com as forças e armas que tinha, se debruçava nos livros com uma agradável disponibilidade e insistência de não aceitar a mediocridade da sua vida.

Pra ele era sempre um tormento voltar para casa, sentir de perto a triste realidade que era a sua vida. Recolhia – se imediatamente ao quarto, depois de comer o prato de feijão requentado, que a irmã nunca deixou de guardar. O quarto de dormir, que servia ao mesmo tempo de gabinete de trabalho, era o seu refúgio. Era nesse quarto que tinha os seus livros, e ali se trancava, esquecido do resto do mundo, para ler e escrever (BARBOSA, 2017, p. 126).

Desencantado da vida e cheio de amarguras e cansado de viver, parecia que mais nada fazia sentido para ele, tudo parecia conspirar contra sua vida. Ia

faltando – lhe as forças para continuar sua jornada, perdendo a esperança e sem coragem para se levantar, chega então a desfalecer.

Julga – se só, abandonado dos amigos, que já não o procuram. Vê tudo negro. É tão grande a depressão que pensa no suicídio. Procura então a bebida como lenitivo, pois só o álcool tem poder para fazê – lo esquecer da imensa amargura (BARBOSA, 2017, p. 145).

Lima Barreto quando escreveu, pegou um tempo em que o Brasil deixava de ser Monarquia para ser República. Uma fase em que o país estava passando por vários acontecimentos: crise econômica, manifesto de propaganda republicana e conflitos entre militares e império. Era então, o fim da Monarquia, onde grandes fazendeiros tinham domínio da escravidão, mão – de – obra escrava, a qual era a principal força de trabalho. Mas, com a abolição, esses fazendeiros foram perdendo esse poder sobre um trabalho escravo não remunerado.

A problemática da pobreza, seja do homem citadino, seja do homem do campo, é abordada frequentemente pelo autor, e faz parte do seu universo de escrita, atravessando os seus mais variados registros, cuja característica marcante é a tentativa de compreensão das questões sociais e políticas: falta de terra, falta de incentivo à terra, mas não falta vontade humana para transformar a realidade. A grande questão é que essa vontade perpassa pela negociação com os poderosos. Nos seus escritos de cunho ficcional ou não, Lima Barreto mostra as sutilezas do poder político nas suas mais variadas facetas, percebendo que ele age como mecanismo de manutenção das desigualdades (SILVA, 2018, p. 100).

Lima Barreto demorou a ser reconhecido pela crítica, ele e suas obras permaneceram censurados por um bom tempo, até mesmo no ano da sua morte (1922). Não foi fácil para o escritor ter posicionamentos de outros escritores a seu favor, as avaliações que faziam relacionados a Lima Barreto eram muito negativas que parecia nunca ter uma faísca de esperança para que ele pudesse conquistar o espaço que tanto almejava alcançar na literatura.

O século XX teve início com muito vigor, cheio de expectativas e muitas mudanças acontecendo no Brasil e no mundo afora. O Brasil vivendo o período repleto de movimentações e os Estados Unidos vivendo seu momento de poder

econômico mundial. Com as transformações acontecendo tão intensamente e bem rápido, tem – se então, o fortalecimento do centro econômico e cultural centrados no Sudeste do Brasil. São Paulo com sua urbanização veloz e o Rio de Janeiro com seu embelezamento.

Todo esse momento fez com que se intensificasse a imigração devido a necessidade de mão de obra. Com tanta mistura de experiências em vários setores industriais fez com que pessoas brancas, negros, mulatos e pobres se aproximassem pela convivência no trabalho. Porém, o que não se pode esquecer é que, os privilegiados em várias funções eram os brancos com uma condição social elevada. Os negros e pobres representam uma minoria, fazendo serviços ocasionais e tendo que habitar em áreas suburbanas da cidade.

### 3 A QUESTÃO RACIAL E AS DESIGUALDADES SOCIAIS NO BRASIL

Após 13 de maio de 1888, era de se esperar que o homem negro, no Brasil, estivesse livre do ferrolho da dor causada pela chaga da escravidão. Contudo, os processos que foram orquestrados por um princípio econômico de enriquecimento de algumas potências europeias, desde o século XV, período de grande expansão marítima e de enraização da cultura eurocêntrica, cooperou, para que o Brasil, do final do século XIX e início do século XX, fosse, ainda, hostil com o homem negro, mesmo diante da lei de libertação dos escravos. Este período está envolvido com a questão do preconceito racial e o racismo, visto que as condições de produção de Recordações registram como a sociedade lidou com a questão do negro no período que corresponde ao pré – modernismo literário.

A lei áurea foi assinada em um cenário mundial de mudanças econômicas. A revolução industrial se consolidava na Europa, que vendia produtos manufaturados aos outros continentes. O homem europeu rompia com a ideia de enriquecimento de maneira hereditária, e o homem religioso deixava o papel doutrinário e mantenedor do *status* quo social. O processo de industrialização europeu não gerou mudanças apenas na Europa, pois o mundo, de maneira geral, conheceu novas formas de organização social. A ideia do livre capital, que se desatrelava do lastro monárquico, bem como a ruptura com a igreja no sentido de que o homem, agora, poderia enriquecer, sem estar associado às famílias fidalgas ou aos cargos eclesiásticos, fomentaram, no século XIX e no século XX, novas formas de acúmulo de capital e, como era de se esperar, novas formas de trabalho.

Nesse sentido, a forma de trabalho pautada no processo de escravização do homem só contemplava parte do processo econômico vigente de industrialização – europeia – e do enriquecimento. Pela primeira vez, o Brasil não estava ligado apenas ao meio rural, mas ao que ficou conhecido como Liberalismo econômico. No momento inicial de chegada do negro, o braço escravo produzia riqueza e fomentava o crescimento econômico; contudo, não gerava força de consumo, pois a economia brasileira, com uma base escrava, não distribuía o capital de forma que ele retornasse à indústria. Desta maneira, o modelo brasileiro de industrialização não projetava por completo o ideal de liberalismo econômico europeu, pois já

tínhamos o negro liberto, mas cultivávamos a cultura de escravização. O trabalho escravo estava enraizado à forma de cultura colonial e enraizado na sociedade de maneira tal que era comum notar que ao negro no Brasil cabiam os cargos de menor prestígio, que estivessem à margem social e que geravam pouco capital e pouco retorno desse capital à indústria.

Entretanto, a posição do negro como marginal na sociedade brasileira se consagra a partir de sua libertação, porque, enquanto braço escravo, o negro agiu ao longo da história do Brasil, até o século XIX, como integrante bem situado às circunstâncias sociais. O papel de negro foi delineado no percurso de construção histórica, econômica, moral, religiosa, ética, filosófica, científica, como pertencente do lugar de escravo. A sociedade, de modo amplo, na Europa, América e na África, estava convencida de que o papel social do negro era de escravo. Não se trata de afirmar que os homens, ao longo desse percurso, não se insatisfizeram com a condição do negro como escravo, as ações sociais, contudo, foram estabelecidas contra essa condição e não bastaram, para que a maioria não aceitasse, disseminasse e usufrísse desse estigma.

O Brasil foi organizado sob o estigma de pertencimento à Europa. Nesse âmbito, o território brasileiro não existia como nação, mas como parte integrante ao território português. Ainda no século XV, período das grandes navegações, quando a América começava ser delineada, inclusive o Brasil, a expansão portuguesa não acontecia apenas para dominação de território e exploração deste por motivo da flora e minério, a exploração ao homem negro também se ampliava e intensificava. As colônias africanas não obedeciam ao olho europeu e às mesmas regras e necessidades das colônias americanas. O interesse principal no continente africano era o braço do homem, que seria utilizado ao longo de quatro séculos de maneira intensa como escravo, na exploração e na extração de riquezas minerais e da flora americana.

Sem a escravização do homem africano, o projeto de colonização do continente americano não teria acontecido como nós o conhecemos, pois foi, sem dúvida, o braço do trabalho forçado que mais delineou as terras da América e, por conseguinte, as terras brasileiras. A princípio tendemos a imaginar que o europeu convenceu o africano ao trabalho escravo pela força bélica. Não à toa,

que quando os primeiros europeus desembarcaram na costa africana em meados do século XV, a organização política dos Estados africanos já tinham atingido um nível de aperfeiçoamento muito alto. As monarquias eram constituídas por um conselho popular no qual as diferentes camadas sociais eram representadas. A ordem social e moral equivalia à política. Em contrapartida, o desenvolvimento técnico, incluía a tecnologia de guerra, que era menos acentuada (MUNANGA, 1986, p. 8).

A imposição eurocêntrica em relação à África pela força bélica fora o primeiro passo do projeto de dominação do continente africano. A ideia de que o continente africano deveria ser colônia, parte de um princípio básico: a ideia de que o natural era ser europeu. O pensamento baseado na ideia de que a Europa era o continente mais desenvolvido econômica, social e religiosamente fez com que o homem europeu atribuísse a si o papel de explorador e colonizador do mundo. Esse pensamento agregado às grandes descobertas marítimas trouxe ótimo ambiente para o crescimento eurocêntrico, desde o século XV.

Tratava – se portanto, de um discurso de duas vias: na primeira via, aparecia um discurso capaz de convencer e normatizar moralmente o europeu sobre a ideia de que escravizar o africano poderia, deveria e era o melhor a ser feito, na exploração do continente africano, por meio do trabalho escravo como forma de ofício. Na segunda via, no convencimento do negro, pelo apagamento social, religioso, cultural, do povo africano, de que o homem europeu, branco, era o modelo para a economia, para a religião e para a cultura.

Neste contexto, o homem africano encontrava – se diminuído em todos os setores da vida social. Isso foi necessário, para que europeu se eximisse moralmente do peso da escravidão e para que o africano aceitasse, discursivamente, a condição de escravo. A aceitação da condição de escravo aconteceu de maneira relativamente simples, considerando que o discurso europeu fora inculcado na memória africana por faltar nesta o que aquela dominava: a tradição escrita.

O continente africano possui uma série de línguas ágrafas, e sua tradição é, ou era, nesse caso, passada de pai para filho de maneira oral, por meio de rituais, cantos e ritos do cotidiano do sua população. Assim, para que os traços culturais fossem perpetuados e a configuração de sujeito e de homem fosse mantida, era necessária a ligação de pai para filho, entre os membros dos grupos sociais. Para o

europeu, bastou apagar os símbolos africanos pela violência física e pôr em seus lugares símbolos, que correspondiam à visão eurocêntrica de que o homem europeu era o exemplo a ser seguido.

Desta imposição cultural, o que ficava mais acentuado era a distinção entre homem branco e homem negro. É certo que o europeu, após chegar à África, notou variações físicas entre os homens das diversas etnias do continente, contudo, o que mais se registrou em documentos, além de relatos de criaturas com aparências mitológicas com apenas um olho e com chifres aparentes, era o cabelo crespo, o nariz largo e a pele negra, (MUNANGA, 1986, p. 14). Dessa visão, montou-se uma proposta que abstraísse a noção de cultura alheia por completo, esvaziando a África de significados, símbolos, formas de conhecimento, e reduzindo essa complexa sociedade à visão preconceituosa do homem europeu.

As sociedades negras da África foram vistas como fora da normalidade humana. Por outros meios, o homem europeu observou o africano a partir de si e, desta maneira, considerou que o normal era ser branco e que o negro correspondia a alguma anomalia que poderia ser justificada; e isso aconteceu pela ciência, pela religião, pela filosofia, pela economia. As justificativas tendiam, em suma, ao desprestígio do africano em relação ao europeu e, ainda, no convencimento do homem africano que o europeu era superior e que este poderia exercer sobre aquele vantagem social e econômica.

Nas diásporas negras pelo mundo, depois do grande processo de migração compulsória que o povo africano sofreu, tornou – se comum a assimilação cultural do branco pelo negro. O modelo eurocêntrico funcionava como fonte de inspiração para os negros, que assimilavam idiomas, vestes, religião, traços culturais, ou seja, maquiavam - se e alisavam os crespos cabelos para ter sua imagem associada a do homem branco.

Na religião, a cosmologia do africano foi associada, discursivamente ao negativo por dois planos diferentes e complementares. Em primeiro plano, considerou-se o negro, em contato com o europeu, parte da ascendência de Cam, filho de Noé, que tivera sido punido, na cosmologia cristã, por ter cometido pecados e recebido em sua pele a marca destes pecados. Essa marca foi interpretada pelo discurso eurocêntrico como a tom da pele. Em segundo plano, toda a cosmologia negra fora associada à maldade cristã. Não era incomum ver representações do demônio cristão como uma criança negra. Essa prática social trouxe aos ritos

africanos um peso negativo e, gradativamente, ocasionou o apagamento de suas religiões. Por isso, tornou – se comum a conversão negra ao cristianismo e, posterior – mente, ao sincretismo religioso, que unia traços cosmológicos da religião africana e europeia no entendimento do mundo.

As diferenças do negro, sempre em relação ao branco, considerado exemplo, tinham de ser justificadas por um meio (Munanga, 1986); coube, então, à ciência fazer registro do que se considerou anomalia. Surgiram justificativas baseadas na alimentação do homem africano, e também no clima. A ideia de que o negro era um branco degenerado, era trabalhada por teorias e observações que, na prática, não podiam ser comprovadas e que, por isso, o mecanismo de maior potência era o religioso. Esse pensamento discursivo, unido à resistência dos negros à conversão, trouxe a entendimento que era urgente e necessário “salvar” os povos africanos da condição de escravidão.

De acordo com a simbologia de cor, alguns missionários, decepcionados na sua missão de evangelização pensaram que a recusa dos negros em se converterem ao cristianismo refletia, de fato, sua profunda corrupção e sua natureza pecaminosa [...] Desse modo, não haverá nenhum problema moral entre os europeus dos séculos XVI e XVII, porque na doutrina cristã o homem não deve temer a escravidão do homem pelo homem, e sim sua submissão às forças do mal. (MUNANGA, 1986: 15)

A forma de vida na colônia africana foi reduzida a uma espécie de fracasso econômico e também relacionada à consciência de que o homem negro era pior. A economia, em suma, na colônia africana não era baseada no propósito de lucro, do imperialismo europeu. Evidentemente, essa diferença foi associada ao desprestígio social em que o homem negro fora condicionado.

Desta maneira, as diásporas negras, que se espalharam pelo mundo, passaram por um processo de assimilação dos valores culturais do branco (Munanga, 1986). O negro, marcado por uma situação discursiva negativa, submeteu – se, a princípio, a um processo de branqueamento, por imposição de uma necessidade econômica, que o fazia escravo. Esse processo de branqueamento acontecia em níveis diversos, com o intuito de aniquilar a cultura negra; vestimentas, objetos e alimentos foram, primeiramente, impostos aos negros pelo branco. Em nível maior, impôs-se sobre os africanos a língua falada por seus colonizadores. A língua do branco dominador marcou – se com acentuada intensidade, pois os

negros que dominassem a língua imposta eram mais respeitados em relação àqueles que não tinham este domínio.

A política de branqueamento da cultura se entendeu às noções do corpo. Tornou – se comum, por conseguinte, a relação sexual entre mulheres negras com homens brancos e homens negros com mulheres brancas. Essa relação étnica trouxe problemas na compreensão do homem mestiço, que Munanga, (1986, p. 28), expõe da seguinte maneira.

A questão do sexo misto já era objeto de falsa especulação científica no século passado. Paul Broca escreveu que tal relação era possível somente entre um homem branco e uma mulher negra. O contrário não o seria, porque o homem negro tinha um pênis excessivo e a mulher branca uma vagina estreita, mostrando até que ponto o sexo era um motivo de distanciamento numa sociedade machista dominada pelo branco [...] Desde esta época, nasceu o preconceito que ainda hoje persiste sobre os mestiços, considerados fracos física e moralmente.

Não basta pensar, contudo, que o processo de assimilação do colonizador pelo colonizado aconteceu de maneira tranquila sem nenhum conflito. Houve negros que se mantiveram firmes contra esta postura e se colocaram em desacordo com a situação, a qual, desde o século XV, o mundo tendeu a desenhar. O homem negro, na diáspora, tomou contato com uma base política que o percebia como representação de um homem, nem mais bonito, nem mais feio que os brancos, mas igual.

A resistência do negro não bastou para atenuar a ideia de imposição racial que ainda hoje persiste. O discurso negativo sobre o negro, desde o século XV, estruturado em sólidas bases de pensamento, não conseguiu chegar ao total apagamento. No final do século XIX e início do século XX, o sistema político mundial mudou, e o braço escravo deixou de ser necessário. Aliás, considerando o novo modelo político, que se moldava ao fluxo financeiro no mundo, a escravidão deixava de ser necessidade, para ser um passo de atraso no sistema econômico.

### 3.1 As desigualdades sociais desde tempos passados até os dias atuais

Toda a história do Brasil que se conhece, com raras exceções, ainda não aprofundou na trajetória da raça negra em nosso país. A decantada abolição da escravidão não conseguiu livres os negros da discriminação racial e suas consequências, tais como, a exclusão e a miséria. A opressão continuou durante várias décadas. O abandono intelectual e econômico aos negros recém libertados foi um ponto crucial para o aparecimento das favelas, da subcultura, da pobreza trazendo a eles o desencanto com a liberdade. As inquietações com relação às senzalas se perpetuaram no que se refere a favelas. Como traduz a frase contida no samba enredo da Mangueira de 1988: “Livre do açoite da senzala, preso na miséria da favela”. (Silva, 1988)

[...] As dificuldades da após – Abolição, com a grande massa de libertos sem ter o que fazer, entregues à própria sorte, não foram cogitadas no momento devido e tiveram como resultado a desorganização geral que se verificou depois, prejudicando fundamentalmente a vida nacional (LUNA, 1968, p. 203).

A abolição foi decretada no Brasil sem que se preparasse para ela. As consequências foram inevitáveis. Os resultados decepcionaram os que lutavam para que ela se concretizasse. Mesmo os abolicionistas já não acreditavam no sucesso daquele ato. A Lei não previa nada que trouxesse aos escravos libertos, uma garantia que lhes desse algum direito adicional. Muitos negros continuaram na condição de escravos, não por deixar de entender a situação em que se encontravam, mas por falta de opção.

Conforme descrição de Luna (1968, p.207):

Da cidade foi o negro, realmente, escorraçado. Com a intensificação da imigração, os trabalhadores estrangeiros, que gozavam da preferência dos empregadores, passavam a se concentrar nos centros urbanos mais desenvolvidos. A região sul, pelas suas condições climáticas e melhores possibilidades oferecidas pelo mercado de trabalho, foi a que mais atraiu o imigrante europeu. À medida que isso acontecia, aumentavam as

dificuldades para negros e mulatos no mercado de trabalho, atingindo também os demais.

Os grandes cafeicultores receavam que houvesse, por parte dos negros, algum tipo de reação levada pela recente liberdade e pela lembrança da violência que se constituía numa ferida ainda não cicatrizada. As dificuldades transmitidas pelas ruas, cheia de mulatos sedentos e esfomeados, também fazem parte de uma amarga trajetória vivificada até hoje. No entanto, a originalidade em tentar esquecer a história e suas partes degradantes, não é só de brasileiros. Os próprios africanos não gostam de se lembrar que venderam seu povo para ser escravizado.

Existe um questionamento frequente sobre o preconceito contra os negros no mundo. Em especial, no Brasil constata – se que, por ter sido seu trabalho a força motriz que impulsionou o progresso das classes dominantes séculos atrás, foi o que deu a eles esta situação de desigualdade diante dos brancos. As disparidades são evidentes no aspecto social e aliadas a esta desproporcionalidade convive – se com o preconceito.

Nas novelas e filmes ainda causa espanto uma atriz branca viver um papel em que mantém um relacionamento mais íntimo com um ator negro. Certa vez, Oda Gonçalves, esposa do ator Milton Gonçalves que é de descendência afro, disse, em tom de desabafo, que gostaria de ver seu marido não se limitar a papéis de escravos ou bandido, mas sim beijando alguma atriz loira das novelas da oito. Os papéis desempenhados pelos negros nas novelas, na maioria das vezes são de bandidos ou de empregados em funções humildes.

O número de pessoas brancas bem sucedidas suplanta enormemente o número de pessoas negras. Não seria uma situação anormal se não fosse a mentalidade repleta de ironia de que as coisas feitas pelos negros são mal feitas, ou então quando se refere a um negro como pessoa de bom caráter, fala – se: “é um negro da alma branca”, numa declaração de que o negro para ser bom tem de ter, necessariamente, alguma coisa branca. São coisas ditas quase sempre sem maldade, mas que demonstram um preconceito enrustido em cada um.

[...] Em nosso país, apesar de todos se dizerem avessos ao racismo, não há quem não conheça cenas de discriminação ou não saiba uma boa piada sobre o tema. Ainda hoje o trabalho manual é considerado aviltante e a hierarquia social reproduz uma divisão que data da época do cativeiro. Com

naturalidade absorvemos a ideia de um elevador de serviço ou de lugares que se transformam em verdadeiros guetos raciais. É por isso que não basta condenar a história, ou encontrar heróis delimitados. Zumbi existe em cada um de nós. É passado e é presente (MOURA, 1996, p. 30).

É comum dizer – se que os próprios descendentes afro – brasileiros se discriminam entre si. É uma afirmação equivocada. Esta surgiu depois do conceito de branqueamento da população onde se apregoava que apenas as pessoas brancas seriam portadoras de uma inteligência apurada. Mesmo simbolicamente cogitou – se este branqueamento visando a eliminar o material genético que denunciava a presença de negros no Brasil. O racismo, o terrível preconceito racial, marcam profundamente um ser humano que se identifica com um país no qual os negros lutam pela sobrevivência.

Pergunta – se, muitas vezes, diante do espanto do interlocutor, se após 13 de maio de 1888 o negro deixou de ser um objeto. Vive – se num país onde o negro ficou com os índices mais baixos da sociedade. As cotas raciais são discutidas com o objetivo de atenuar o atraso social. Considera – se um bom começo, mas ainda hoje, apesar de ver fechados os olhos para a sua situação, o negro ocupa uma posição, na sociedade, de cidadão de segunda classe.

O desenvolvimento econômico não conseguiu dar melhores condições de vida aos afro – brasileiros. Os processos de industrialização aumentaram a desigualdade e a disparidade de renda entre os mais pobres e os mais ricos, entre brancos e negros. Quando são observados os ciclos de crescimento econômico em nosso país, sobressai o conceito de que sempre existiu uma massa de excluídos que não colhia os frutos da riqueza produzida.

É preciso contar sua história. Não apenas os relatos de sofrimento diante das chibatas na clausura desumana das senzalas, mas a história de seus feitos, suas glórias, sua ascensão na sociedade. A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro – Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica, apesar de ser uma decisão política, repercute no campo da pedagogia e na formação dos professores. Além de assegurar as vagas de negros nas universidades, valoriza sua cultura e paralelamente procura reparar os prejuízos repetidos durante séculos no que se refere à identidade e direitos.

As instituições escolares são colocadas como responsáveis de se isolar

da limitada concepção de que os africanos e seus descendentes contribuíram apenas para a formação da nação brasileira, para criar nos alunos a consciência de que não pode existir preconceito e que o negro pobre e mal vestido, da carteira do lado é nosso irmão, humano e sensível. É um trabalho que se faz também fora da escola, nos vários segmentos da sociedade já tão enraizada nos conceitos de racismo. Para que estas ações sejam devidamente conduzidas é preciso uma educação voltada para as bases da reflexão e do amor ao próximo.

#### 4 A OBRA RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA: ENREDO E RELEVÂNCIA

Recordações do Escrivão Isaías Caminha é uma obra pré – modernista publicada em 1909, quando nesse período Lima Barreto se preocupava em retratar o social e o indivíduo inserido no meio em que vivia. Ele tinha uma visão muito afiada no que diz respeito à pobreza e à situação social suburbana, um espírito muito crítico tanto para situações sociais como também no campo linguístico, expondo em suas obras problemas na sociedade com uma linguagem cotidiana e vulgar. “Era um livro áspero e amargo, com páginas fortemente agressivas contra as instituições, a sociedade, os preconceitos, o Exército”. (BARBOSA, 2017, p. 155).

Todos os acontecimentos dessa história se passa com um menino ingênuo que decide ir se formar em medicina na capital do Rio de Janeiro no século XIX. O jovem Isaías, passa por transformações, desde menino inocente a redator de um Jornal. Era um garoto prodígio, super inteligente e orgulhoso de sua dedicação ao conhecimento. Queria muito ascender na vida, porém, existiam muitas barreiras que atrapalhavam seus sonhos. Ter formação de doutor poderia abrir portas para que ele pudesse ter passagem livre na sociedade sem que fosse rejeitado em nada e sem se sentir ou ser excluído do meio social.

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor...Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro. Ah! Doutor! Doutor! ...Era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários polifórmicos...Quantas prerrogativas, quantos direitos especiais, quantos privilégios, esse título dava! (BARRETO, 1995, p. 6).

Esse jovem Isaías encontra diversas dificuldades por causa da sua cor, revelando a incompetência do país inserir pessoas negras à sociedade. Mesmo com a abolição da escravidão a vida real não deixou de escravizar os fracos e oprimidos.

O garoto cheio de expectativas em melhorar de vida vê seus sonhos desmoronarem, numa situação tão difícil ele percebe que o tratamento de muitas pessoas para com ele não é mais nada gentil e agradável.

#### **4.1 Escritor e personagem: Ficção/Realidade e Racismo/Preconceito sobre Isaías Caminha**

Lima Barreto por meio do seu personagem Isaías Caminha não hesita em mostrar as práticas sociais da vida social carioca da Primeira República (1889 – 1930). O romancista descreve o jovem sonhador Isaías caminha que viaja de trem para a cidade do Rio de Janeiro, então capital federal na época. O estudante que acreditava no seu êxito pessoal, mas vai descobrindo aos poucos que a vida social não se encontra totalmente livre das amarras sociais que se sobrepõe a simples vontade e esforço individual.

Com muita lucidez Peter Berger (1976, p. 102) nos diz que “a localização social não afeta apenas nossa conduta, ela afeta nosso ser”. Penso que, a narrativa do romance *Recordações...* expressa bem simbolicamente ao inescapável processo de socialização. Isaías e Lima fundem – se. A narrativa está em permanente movimento, em “trânsito”, como observa Lilia Schwarcz (2017). Os conceitos referentes ao pacto autobiográfico e a escrita de si, desenvolvidos respectivamente, por Philippe Lejeune e Michel Foucault visa redimensionar as correspondências que foram até então estabelecidas pelos dados biográficos do autor e as peculiaridades que conformam a personagem.

Um das primeiras interações sociais de Isaías presente na narrativa do romance é tio Valentim (tio do jovem Isaías Caminha) que procura ajuda ao coronel Belmiro, a quem já havia prestado valiosos favores no tempo das eleições. Logo ao chegar à casa do coronel, Valentim comunica – lhe que seu sobrinho quer ir para o Rio estudar e mesmo tendo já todos os preparatórios, precisava de um emprego para se manter na cidade grande. Vejamos como prossegue o diálogo dos personagens:

- Eu queria que vossa senhoria, senhor coronel – gaguejou o tio Valentim – recomendasse o rapaz ao doutor Castro. O coronel esteve a pensar. Mirou – de alto a baixo, finalmente falou:
- Você tem direito, seu Valentim... É... você trabalhou pelo Castro... Aqui para nós se ele está eleito deve – o a mim e aos defuntos, e você que desenterrou alguns. Ria – se muito, cheio de satisfação por ter repetido tão velha pilhéria e perguntou amável em seguida:
- O que é que você quer que lhe peça?
- Vossa senhoria podia dizer na carta que o Isaías ia ao Rio estudar, tendo já todos os preparatórios, e precisava, por ser pobre, que o doutor lhe arranjasse um emprego. O coronel não se deteve, fez nos sentar, mandou vir café e foi a um compartimento junto escrever a missiva (BARRETO, 2010, p. 74).

O diálogo apresentado acima são os primeiros sinais das relações de interesse marcada pela troca de favores como carta de entrada na vida social carioca. Paulatinamente, Isaías o personagem – narrador vai se dando conta de relações de poder (troca de favores, indicações, “boas” influências) que entram no jogo. A inteligência e o mérito, qualidades do qual ele tanto exaltava não seriam garantidores do êxito na cidade do Rio de Janeiro.

Numa sociedade profundamente desigual, onde cor, dinheiro e instrução são variáveis definidoras na distribuição de prestígio social, o pedido de Valentim (cabo eleitoral) a carta de recomendação feita pelo coronel endereçada ao doutor Castro, Deputado Federal, é um traço revelador da prática de favores envolvendo três figuras sociais que exercem relações poder pessoal.

Essa prática social pode ser identificada com o fenômeno do Coronelismo. Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz (1982, p. 155) “O coronelismo tem sido entendido como uma forma específica de poder político que floresceu durante a Primeira República (1889 – 1930) e cujas raízes remontam o império”. O coronel é definido pelo seu poder político, e quando seu domínio, isto é, seu raio de atuação é bastante extenso, alcançando um grande número de eleitores, o faz ser conhecido como coronel.

O tio de Isaías caminha já havia sido cabo eleitoral do coronel Belmiro. Desse modo Valentim viu que era o momento oportuno de pedir os préstimos ao coronel Belmiro. Ora, se o Deputado Castro estava eleito, deve-se muito ao coronel

e ao trabalho dedicado de Valentim. Estudar, conseguir um emprego uma posição social vem explícita à *priori* na narrativa do texto. No entanto, logo em seguida, no capítulo seguinte do romance, se constata os constrangimentos sociais agindo sobre a personagem Isaías Caminha. No trajeto da viagem de trem, Isaías resolve descer na estação dirigindo – se ao um balcão de vendas. O jovem estudante negro relata o primeiro constrangimento vida social, ou seja, a diferença de tratamento entre os indivíduos em função de sua cor.

O trem parara e eu abstinha – me de saltar. Uma vez, porém, o fiz; não sei mesmo em que estação. Tive fome e dirigi – me ao pequeno balcão onde havia café e bolos. Encontrava – se lá muito passageiros. Servi – me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer – me o troco reclamei: oh! o fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você? Aqui não se rouba, fique sabendo? Ao mesmo tempo, ao meu lado um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu – me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu minha indignação. [...] trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos. (BARRETO, 2010, p. 80).

O Preconceito racial é latente. A questão da condição social não é o único elemento perturbador da vida social, a questão da cor, acentua exponencialmente. Tanto é, que mais a frente, após o fato constrangedor, Lima Barreto descreve com detalhes sua autoimagem:

Os meus dezenove anos eram sadios e poupados, e o meu corpo era regularmente talhado. Tinha ombros largos e os membros ágeis e elásticos. As minhas mãos fidalgas, com dedos afilados e esguios, eram herança de minha mãe, que as tinha tão valentemente bonitas que se mantiveram assim, apesar do trabalho manual a que sua condição a obrigava. Mesmo de rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares eu não era hediondo nem repugnante. Tinha – o perfeitamente oval, e a tez pronunciadamente azeitonada (BARRETO, 2010, p. 80).

Na virada do século XIX para o século XX, as teorias raciológicas surgem como ideologia dominante (teorias explicativas do Brasil). As teorias científicas como positivismo de Comte, o darwinismo social e evolucionismo de Spencer importados da Europa emergem no final do século XIX, influenciando profundamente

os intelectuais da época. Como sabemos, a cultura no sentido antropológico é o objeto por excelência dessa ciência. Em suas bases na tentativa de explicar os povos ditos “primitivos” “exóticos” em suma, diferente da civilização ocidental usava-se a teoria evolucionista como modelo explicativo. Morgan e Tylor são os expoentes da corrente evolucionista. E tais teorias chegam no Brasil, sendo apreendidas pelos intelectuais em termos deterministas (meio e raça). (ORTIZ, 2005; LARAIA, 2006).

Conforme Ortiz (2005) ao discutir o problema da cultura brasileira e da identidade nacional, ele nos chama atenção para tais teorias raciais que emergem na época, influenciando autores como Silvio Romero, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, os quais eram considerados com razão, ainda segundo Ortiz, precursores das Ciências Sociais no Brasil.

Estes intelectuais inauguram um discurso paradigmático no período em que escrevem, na medida em que se armam das ideias científicas importadas da Europa para a explicação da realidade social brasileira. Nas palavras de Ortiz (2005, p. 15) “O dilema dos intelectuais dessa época é compreender a defasagem entre teoria e realidade, o que se consubstancia na construção de uma identidade nacional. A interpretação do Brasil passa necessariamente por esse caminho”.

Segundo Sevcenko (1983, p. 123) o romancista Lima Barreto via no conceito de raça “uma criação da ciência oficial das metrópoles europeias” e atuou com suporte de principal para a legitimação de suas políticas de nacionalismo. Geralmente cético a qualquer concepção filosófica ou doutrina, Lima Barreto vê com desconfiança tais explicações de base raciológica.

Diante de tais teorias cunho racial e suposta “superioridade” da civilização europeia, como os intelectuais do pensamento social brasileiro vão solucionar o dilema entre a produção teórica advindo da Europa, ao contexto e as especificidades da realidade social brasileira. Nas palavras de Ortiz (2005, p. 15):

Se o evolucionismo torna possível a compreensão mais geral das sociedades humanas, é necessário, porém completa – lo com outros argumentos que possibilitem o entendimento da especificidade social. O pensamento brasileiro da época vai encontrar tais argumentos em duas noções particulares: o meio e a raça. Os parâmetros raça e meio fundamentam o solo epistemológico dos intelectuais brasileiro de fins do século XIX e início do século XX.

Kabengele Munanga (2009) estudioso da temática racial, e da questão da mestiçagem do final do século XIX, e início do século XX, nos chama atenção dizendo que, ao fazer uso do termo raça, embora remeta as diferenças biológicas, genéticas entre os indivíduos, ele aparece de modo recorrente como um conceito político – ideológico. Os fundamentos da ideologia racial elaborada no final do século XIX e meados do século XX, pela elite brasileira foram caracterizados acentuadamente pela política de branqueamento, embora incompleta e sem sucesso, ainda não desapareceu nos dias atuais do imaginário social brasileiro por completo.

De modo elucidativo Munanga (2009, p. 15) nos adverte sobre o ideário do branqueamento “apesar de o processo de branqueamento físico da sociedade ter fracassado, seu ideal inculcado através de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro, rodando sempre nas cabeças de negros e mestiços”.

Lima Barreto, já nos primeiros anos do século XX, por meio do seu personagem Isaías não oculta essa questão, quase natural, invisível, sutil e silenciosa da vida social carioca de seu tempo, que é o preconceito contra homens mulheres de cor, forma mais usual da linguagem de seu tempo. Ele continua registrando mais uma situação dessa violência simbólica que produz efeitos na vida prática.

Mas um caso narrado no romance de racismo velado, não aberto, em que diálogo expressa do tipo, “é assim mesmo, sempre foi assim” quase sempre no tempo pretérito sem começo e fim. Isaías, após recebida a intimação, acusado de roubo no Hotel Jenikalé, comparece obedientemente, embora se pergunte o que viera fazer numa delegacia. “Até então não sabia ao certo o que viera fazer naquele lugar. O copeiro que me transmitira a ordem da autoridade. Falou – me por alto num roubo que houvera no hotel pela noite última. Ao coronel Figueira, furtaram cerca de dois contos em dinheiro, afora objetos de valor” (BARRETO, 2010, p. 124) Enquanto isso, Isaías espera na delegacia. Escuta um diálogo:

- Raposo vou sair: há alguma coisa?
- Nada capitão Viveiros.
- E o caso Jenikalé já apareceu o tal “mulatinho”?

Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo; a

minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se juntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, espécie de homem diferente do que era na realidade, ente superior e digno a quem um epíteto daqueles feria como uma bofetada. Hoje, agora, depois não sei de quantos pontapés destes e outros mais brutais, sou outro, insensível e cínico, mais forte talvez; aos meus olhos, porém, muito diminuído de mim próprio, do meu primitivo ideal, caído dos meus sonhos, sujo, imperfeito, deformado, mutilado e lodoso. Não sei a que me compare, não sei mesmo se poderia ter sido inteiriço até ao fim da vida; mas choro agora, choro hoje quando me lembro que uma palavra desprezível dessas não me torna a fazer chorar. Entretanto, isso tudo é uma questão de semântica: amanhã, dentro de um século, não terá mais significação injuriosa. Essa reflexão, porém, não me confortava naquele tempo, porque sentia na baixeza do tratamento todo desconhecimentos das minhas qualidades o julgamento anterior de minha personalidade que não queria ouvir, sentir e examinar. O que mais me feriu, foi que ele partisse de um funcionário de um representante do governo da administração que devia ter tão perfeitamente como eu a consciência jurídica dos meus direitos ao Brasil e como tal merecia dele tratamento respeitoso (BARRETO, 2010, p. 127 – 128).

Mais um fato concreto de preconceito racial. Dessa vez doeu na alma, “feria com uma bofetada”. Isaías vai se dando conta que tal atitude do escrivão não era fortuita. O racismo não está no indivíduo, mas impregnadas nas relações sociais nas instituições, nos agentes em suma, seu romance não era apenas mágoas de um jovem ressentido. O conteúdo fundamentalmente do romance nos mostra que reside na questão racial. Não é um elemento acessório da narrativa, ao contrário é a base, a chave do romance.

## 5 CONCLUSÃO

Não há como não ficar afetado diante dos romances de Lima Barreto, por meio de sua narrativa somos sacudidos. Seja para pensar o comportamento social brasileiro em seus costumes e sua moral cotidiana, seja sobre nossas práticas sociais que direta ou indiretamente contribuem para modelar a vida social brasileira. Sua escrita não se propõe a eufemismos, ela é cortante e cirúrgica, mas ao mesmo tempo reconfortante e animadora, na medida em que nos permite lançar outros olhares. E uma literatura em permanente movimento. A observação microscópica de Lima Barreto nos atinge em cheio em nossa contumaz cegueira.

Num trabalho já bem conhecido de sociologia do conhecimento, Berger e Luckmann (1983) verifica com precisão que, por mais maciça que apareça para nós, a objetividade do mundo social (institucionalização), ela não é outra coisa senão, produto de exteriorização da realidade social. É por meio do processo de socialização que acontece em diversos espaços (público ou privado) que atividade humana se objetiva. Em outras palavras: “Apesar da objetividade que marca o mundo social na experiência humana, ele não adquire com isso um status ontológico à parte da atividade humana que o introduziu” (BERGER; LUCKMAN, 1983, p.87).

Tal compreensão, portanto, se recusa à análise dicotômica do mundo social. O individual e o social não estão dissociados. E a realidade social se manifesta por meio de um movimento dialético em permanente transformação. A literatura como “produto do desejo” (SEVCENKO, 1983) não se constitui fora do mundo social, ela não é um simples espelho (reflexo), um epifenômeno da vida social, Ela organiza modelos de pensar, imagina outros, institui práticas, destitui outras. Enfim, o que inferimos do processo de pesquisa foi que as relações de poder se faz na e pela literatura. Lima Barreto parece ter compreendido isso. Os espaços do mundo social não são neutros, são marcados por lutas de classes, materiais e simbólicas, por relações de hierarquia bem definidas, que mais separa do que une.

O romance *Recordações do escrivo Isaías Caminha*, entrou na linha de combate, a luta geralmente rompe com ladainhas da naturalização do mundo social. Lucidamente, o historiador, Jacques Le Goff nos assegura que “o passado não está apenas no passado e precisamos encontra – lo (pesquisador) o passado onde quer

que ele esteja” (LOPES, 1996, p.). Sendo assim, o jovem preto Isaías ainda permanece presente caminhando cotidianamente nas ruas da cidade. Mas de modo inequívoco com todas as mudanças e especificidades e demandas do tempo presente.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, F. A. **A vida de Lima Barreto**. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, INL, MEC, 2017
- BARRETO, L. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Peguim Classics, Companhia das Letras, 1995/2010.
- BERGER, P. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A Construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 20. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- LOPES, M. A. **O Absolutismo: política e sociedade na Europa moderna**. São Paulo: Brasiliense, 1996/2005
- LUNA, Luiz. **O Negro na luta contra a escravidão**. Leitura: Rio de Janeiro, 1968.
- MOURA, Glória. **Navio Negroiro-Batuque no Quilombo**. CNNCT. São Paulo, 1996.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades**. Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo – USP. 1986 /2009
- ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense: 2005.
- QUEIROZ, M. I. P. O Coronelismo numa interpretação sociológica. In: FAUSTO, B. (org.). **O Brasil Republicano III: Estrutura de Poder e economia**. São Paulo: Difel, 1982.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto-Triste** Visionário. Editora Companhia das Letras, 2017.
- SEVCENKO, N. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- NOLASCO-FREIRE, Zélia. **Lima Barreto, imagem e linguagem**. Annablume, 2005.
- NOGUEIRA, Clara Asperti. Lima Barreto e a crítica: a publicação de Recordações do escrivão Isaías Caminha. **Línguas & Letras**, v. 11, n. 21, 2010.
- SILVA, Sergio Gomes da. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, n. 3, p. 556-571, 2010.

VASCONCELOS, Adaylson Wagner Sousa de. Lilia Moritz Schwarcz- **Lima Barreto – Triste Visionário**. 2018.